

O USO DA ARGILA BRANCA DA MATA ATLÂNTICA COMO OBJETO ETNO-ECOLÓGICO TUPIGUARANI. (SÍTIO ARQUEOLÓGICO - SÉCULOS XIV E XV).

**Renan Esaú Fernandes Santos¹,
Paulo Sergio de Sena (orientador)¹**

¹Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA – Licenciatura em Biologia,
Av. Peixoto de Castro, 539 Vila Celeste - Cep:12.606-580 - Lorena, SP,
Renanefs888@gmail.com
pssena@gmail.com

Resumo- Registros arqueológicos do Sítio Arqueológico Caninhas, Canas, SP, revelaram laços de pertencimento cognitivo entre o Homem da Tribo Indígena Tupiguarani com o seu ambiente de ocupação. Após os procedimentos de salvamento dos artefatos arqueológicos e trabalhos de design para estudos sobre a estrutura das cerâmicas, seguiram estudos de etno-ecologia da tribo indígena, o que revelou três Conexões Etno-ecológicas: Homem-Mineral, Homem-Homem e Homem-Sobrenatural. A novidade ficou por conta da função e do serviço ecossistêmico da Mata Atlântica que abriga o Sítio que se materializou a partir do manejo da Argila Branca abundante no solo da base territorial da então aldeia. Essa argila protagonizou o cenário onde os ceramistas Tupis puderam criar artefatos que entrelaçaram vínculos com o ecossistema, com o outro da tribo e com os deuses que dinamizam o mítico e o místico dos Guaranis.

Palavras-chave: Etno-ecologia, Argila branca, Tupiguarani, Mata Atlântica

Área do Conhecimento: Biologia

Introdução

As interfaces traçadas nessa pesquisa são resultados de uma experiência de leitura interdisciplinar de um objeto que envolve profissionais biólogos, arqueólogos e designers. Nesse sentido, em síntese, se propôs analisar os fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Caninhas sob a luz da etnobiologia, um estudo do conhecimento e das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do mundo natural e das espécies; é o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes, enfatizando as categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo. (POSEY, 1987; DIEGUES & ARRUDA, 2001)

Neste trabalho o que se mostra são os fragmentos cerâmicos arqueológico como documento etno-ecológico da ocupação territorial da Tribo Indígena Tupi Guarani, entre os Séculos XIV e XV, do Bioma Mata Atlântica e o uso dessa base territorial que é sustentado pelos estudos de RODRIGUES e AFONSO (2002) que consideraram a marca da ocupação das populações Guarani a forma como essas culturas utilizaram as condições ecológicas disponíveis.

A base territorial que serviu de cenário para este trabalho está localizado em Canas, uma cidade jovem do Estado de São Paulo, que compõe a história recente da Região do Vale do Paraíba

Paulista que teve início com as entradas e bandeiras de caça, e preamento de indígenas para o trabalho escravo nas lavouras de cana de açúcar. Posteriormente, a Região serviu de trajeto para o escoamento da produção de metais preciosos extraídos da região das Minas Gerais, até o porto de Paraty, no Rio de Janeiro.

A cidade de Canas encontra-se no Norte do Vale Paraíba, a 198 Km da capital, com acesso no quilômetro 47 da Rodovia Presidente Dutra. O Sítio Arqueológico Caninhas trabalhado está localizado na extremidade Norte de um grande platô alongado e apresentando uma vegetação de pequeno porte (gramíneas), fica bem próximo de dois pequenos rios (Canas e Caninhas), a cerca de 2 Km do Rio Paraíba do Sul, e aproximadamente a 1 Km do centro administrativo do município, em perímetro urbano, nas coordenadas 23K0495194 UTM 7490041. (CHAABAN e SENA, 2010)

Em linhas gerais, após o processo de inventário, caracterização microestrutural (lixamento, polimento e microscopia óptica) e detalhamento virtual dos utensílios em formato 3D houve a identificação das conexões etnobiológicas entre a Tribo e os componentes bióticos e abióticos do ecossistema de Mata Atlântica, da época da citada ocupação indígena. Os utensílios cerâmicos apresentaram diferentes formas, texturas e usos. As conexões etnobiológicas puderam ser interfaciadas com o uso de Produtos e Serviços

Ecosistêmicos do Bioma Mata Atlântica (ANDRADE e ROMEIRO, 2009), revelando a interação entre a Tribo Indígena e a Base Territorial ocupada.

O trabalho está sob o referencial de RODRIGUES (2010), quanto aos conceitos de Produtos Ecosistêmicos que se caracteriza como aqueles produtos oferecidos pelos ecossistemas que são utilizados pelo ser humano para seu consumo ou para o comércio (madeira, frutos, peles, carne, sementes, etc.); de Serviços Ambientais são aqueles úteis ao homem e oferecidos pelos ecossistemas (regulação de gases atmosféricos, belezas cênicas, conservação da biodiversidade, proteção de solos, etc.); e de Etnoconservação e Conexões Etno-ecológicas de MARQUES (2001). Ainda como referencial teórico, é importante destacar o tema Serviço Ecosistêmico, aqui envolvido na forma cultural, que para ANDRADE e ROMEIRO (2009) inclui a diversidade cultural (culturas, valores religiosos e espirituais) sob influência da diversidade dos ecossistemas, também explorados por CHAABAN e SENA (2010) na determinação das conexões etno-ecológicas da Tribo Tupiguarani com a base territorial de Mata Atlântica.

O problema de pesquisa orbitou em torno do uso do ecossistema de Mata Atlântica pelos indígenas Tupiguaranis que viveram na Região entre os Séculos XIV e XV e a importância da Argila Branca para a cultura Tupi, traduzindo-se na questão: Qual a importância do uso do recurso Argila Branca do ecossistema de Mata Atlântica pelos indígenas Tupiguaranis, entre os Séculos XIV e XV, na perspectiva da etnobiologia e etno-ecologia?

A hipótese condutora dos trabalhos referenciou o uso do Bioma de Mata Atlântica na forma de serviços oferecidos pelo Bioma, traduzindo-se na forma: O uso do recurso Argila Branca do Bioma de Mata Atlântica gera relações intra tribo, bem como com o ambiente não antrópico na forma de conexões cognitivas etnobiológicas e etno-ecológicas.

Objetivos: 1. Criar ferramentas etnobiológicas para ler a ocupação e uso de Biomas; 2. Exercitar a leitura interdisciplinar do objeto Bioma da Mata Atlântica; 3. Subsidiar a compreensão da ação antrópica no Bioma da Mata Atlântica.

Metodologia

O sítio arqueológico Caninhas, objeto de estudo desse trabalho, foi identificado no município de Canas, próximo do centro administrativo do município, em perímetro urbano, nas coordenadas 23k0495194 UTM 7490041. Canas, município do Estado de São Paulo está a 198km distante da Capital, às margens da Rodovia Presidente Dutra.

Está localizado na extremidade Norte de um grande platô alongado com uma vegetação atual de pequeno porte com predominância de gramíneas. Esse platô dialoga com de dois pequenos rios mais próximos - Canas e Caninhas - e a cerca de 2 km com o rio maior e mais importante da região, o Rio Paraíba do Sul.

As atividades de campo foram desenvolvidas a partir de visitas técnicas arqueológicas ao Sítio Arqueológico, com o acompanhamento dos profissionais de arqueologia responsáveis pelo salvamento do material, entre os anos de 2008 à 2010. Foram abertas as trincheiras, que permitiram a obtenção de informações sobre a área de solo escuro, que se apresentou de forma elíptica, com eixo e diâmetro simétricos, de aproximadamente 8,00m. Tal conformação sugere tratar-se de um provável fundo de cabanas. (BORNAL e QUEIROZ, 2005)

Após os trabalhos de campo, seguiram as etapas do Inventário: 1. higienização dos fragmentos; 2. repouso dos fragmentos sobre folhas de papel absorvente; 3. numeração dos artefatos; 4. separação e fichamento dos fragmentos. A partir dos estudos arqueológicos e de design das peças cerâmicas, se deu o estudo etnobiológico do uso dos serviços ecosistêmicos sob referência do Bioma da Mata Atlântica valeparaibana paulista.

Resultados e Discussão

O Sítio Arqueológico de Caninhas revelou a presença de estruturas funerárias, estruturas de combustão e diversos objetos de uso cotidiano da população indígena que habitou o local. Baseados nos tipos de utensílios e na decoração por grafismos geométricos pretos e brancos e com faixas vermelhas, referenciado por Prous (2005), levantou-se a hipótese de que eram vestígios de uma população indígena Tupiguarani. Entre as múltiplas peças, destacam algumas com morfologias diferenciadas e outras que se assemelham a urnas funerárias, que curiosamente estavam acondicionando diversas outras peças cerâmicas, sugerindo uma espécie de rito cerimonial. Em geral, os desenhos geométricos são delineados com a cor preta sobre fundos brancos ou vermelhos e são frequentes as faixas vermelhas circundando a peça. MACHADO et. al. (2008) relacionaram a cerâmica pintada Tupiguarani a uma função ritualista, o que parece muito pertinente, visto que ISQUERDO (1992) já ratificou a importância da religiosidade para os Guarani.

Quanto ao uso do ecossistema, os Tupiguaranis exploraram o produto na forma de recurso mineral argila branca. O recurso mineral ecosistêmico Argila Branca se mostrou como um substrato importante para a vida cotidiana do povo Guarani

que habitou a base territorial que contém o Sítio Arqueológico. Etno-ecologicamente, observou-se o desenvolvimento da conexão Homem-Mineral. Essa conexão, muito provavelmente, levou ao ensaio de muitas metodologias para queimar a peça a 950° C, 1250° C e 1450° C, dependendo do destino do utensílio cerâmico, como recomendado por MELO et al (2002).

O uso da argila como conexão Homem-Mineral se desdobrou em Serviço Ecossistêmico do tipo Cultural que apoiou a expansão da conexão para Homem-Homem (uso de utensílios cotidianos) e Homem-Sobrenatural, quando afloram o uso da cerâmica para cerimônias religiosas e funerários. O grande protagonista ecossistêmico foi a Argila Branca, um diferencial de extrema importância para a materialização das necessidades de subsistência cotidiana. Criar utensílios cerâmicos, que muito provavelmente era uma função feminina, já mostrava a importância da atividade e do recurso enquanto divisor de trabalhos masculinos e femininos, além disso, eram utensílios importantes para a feitura de alimentos, consumo e acondicionamento dos mesmos, incrementando e expandindo as conexões Homem-Homem, tão importante para a manutenção do grupo social.

Essa mesma Argila Branca compôs o cenário das atividades ritualísticas e cerimoniais da relação entre a tribo e seus deuses, manejar a argila, confeccionar artefatos que se tornariam vasos sagrados otimiza o olhar mítico e místico que o povo Tupi tem em sua estrutura social, já tratado pro ISQUERDO (1992). A conexão etno-ecológica Homem-Sobrenatural se desenhou nesse trabalho a partir da cerâmica funerária, que curiosamente não acondicionava restos mortais, mas outras cerâmicas, ratificando a importância da cerâmica, confeccionada com um recurso natural local, com um status passível de ser aceito como oferenda ou algo do gênero, pelos deuses condutores daquele povo indígena.

Conclusão

O uso ecossistêmico da Mata Atlântica pelos indígenas Tupiguaranis, durante os Séculos XIV e XV, no Vale do Paraíba paulista, revelou a importância da base territorial da Mata Atlântica para a expressão cultural da tribo. No entanto, o recurso natural Argila Branca se mostrou como a grande protagonista dessa história de vida Tupi na região estudada.

Foi possível também ratificar que a escolha da base territorial escolhida por aqueles habitantes indígenas concordam com outros relatos presentes na literatura, isto é, os povos Tupi buscam os vales com clima quente e úmido das

florestas tropicais e subtropicais, principalmente quando eram compostos por vales e rios nas encostas do sul e sudeste do Brasil.

As conexões etnoecológicas Homem-Mineral, Homem-Homem e Homem-sobrenatural demonstraram o quanto do ecossistema local está contido na cultura da tribo, principalmente com o impressionante uso da Argila Branca para a confecção de cerâmica.

Esse comportamento social dos Tupiguaranis sob a referência das funções ambientais de um vale na Mata Atlântica do Sudeste brasileiro, bem como o uso Cultural do serviço ambiental desse ecossistema fortalecem a tese de que há metodologias de uso dos recursos naturais de forma sustentável, ou pelo menos saudável, pois o que se registrou nesse presente estudo foi a exploração, a relação, a criação e a otimização dos laços de pertencimento cognitivo do Homem com o seu ambiente de ocupação.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pelo apoio a este trabalho a partir do Programa de Iniciação Científica – PIBIC 2010/2011.

Referências

- ANDRADE, D.C. e ROMEIRO, A.R. Serviços ecossistêmicos e sua importância para o sistema econômico e o bem-estar humano. Campinas, SP: IE/UNICAMP, n. 155, fev. 2009
- Bornal, W. G., Queiroz, C. M., Relatório das escavações do sítio Caninhas, p. 36, 2005.
- CHAABAN, I.C. e SENA, P.S. Relações Etnobiológicas, Etnoecológicas, Etnoarqueológicas entre o Grupo Social Artesão de Canas, SP e o Povo Indígena do Sítio Arqueológico de Caninhas, Canas, São Paulo. São Paulo: X Congresso Nacional de Iniciação Científica – SEMESP, 2010.
- CUNHA, M. C. (Org.), História dos índios do Brasil. São Paulo: SMC: Companhia das Letras, 1992.
- DALY, H.E., FARLEY, J. Ecological Economics: principles and applications. Washington, DC: Island Press, 2004.
- Diegues, A. C. S. e Arruda, R. S. V. (orgs.). Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2001.

- HERNANDO GONZALO, Almudena. La Etnoarqueología, hoy: una vía eficaz de aproximación al pasado. *Trabajos de Prehistoria*, ano 52, n. 2, p. 15-30, 1995.
- ISQUERDO, Aparecida N. A palavra sagrada na cultura Guarani: uma cultura do Ayvu-Rapita. *Terra indígena*, São Paulo, ano 9, n. 62, p. 4-12, 1992
- Machado, N.T.G. et al. Análise parcial sobre a cerâmica arqueológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul: *Revista Cerâmica* 54, 2008, p.103 – 109; 2008
- MAESTRI, M. Os senhores do litoral: conquista portuguesa e agonia tupinambá no litoral brasileiro (Séc. XVI). Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- MARQUES, J.G.W. Aspectos Ecológicos da Etnoictiologia dos Pescadores do Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba, Alagoas. 1991. 271 f. Tese (Doutorado em Ecologia) – Universidade de Campinas, Campinas (SP), 1991.
- _____, Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica. São Paulo: NUPAUB, 2001.
- MELO, M. A. F. et al. (2002). Cor e propriedades mecânicas de algumas argilas do Rio Grande do Norte para uso em cerâmica branca. *Cerâmica*. [online],- vol. 48, no. 308
- MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT (MA), *Ecosystem and Human Well-Being: a framework for assessment*. Washington, DC: Island Press, 2003.